

**Movimentos da Arquivística no processo de sua consolidação como disciplina:
algumas considerações sobre *interdisciplinaridade***

Profª Drª Georgete Medleg Rodrigues - Departamento de
Ciência da Informação e Documentação/Curso de
Arquivologia e Programa de Pós-graduação em Ciência da
Informação - UnB - georgete@unb.br

Angelica Alves da Cunha Marques - Graduada em
Arquivologia e mestranda em Ciência da Informação – UnB
angelicacunha@unb.br

Resumo:

Este trabalho, que faz parte de um projeto de pesquisa maior, apresenta conceitos-chave, de alguns autores, relacionados ao desenvolvimento de uma ciência/disciplina, a fim de demonstrar as possíveis relações interdisciplinares da Arquivística no seu processo de formação. A partir dos conceitos apresentados sobre as relações que podem existir entre duas ou mais disciplinas, aponta como questões centrais quais seriam as fronteiras que a Arquivística estabelece com outras áreas e se ela pode ser considerada uma interdisciplina. Com o objetivo de esclarece-las, parte-se, então, do campo disciplinar, ou seja, do conceito que distingue a Arquivística das demais disciplinas e conclui-se que, a caracterização da Arquivística como uma interdisciplina pode ser plausível ou não, dependendo da definição de *interdisciplinaridade* que seja adotada e das modalidades interdisciplinares consideradas.

1. Considerações iniciais

Da práxis à inserção no campo científico e à consolidação como disciplina, a Arquivística passa por um longo processo. No Brasil, por exemplo, os primeiros passos rumo à conquista de espaço na universidade se dão na década de 1970: em 7 de março de 1972 é aprovado, pelo Conselho Federal de Educação, o parecer nº 212/72, sobre a criação de uma Escola Superior de Arquivo no Brasil (CASTRO, 1972). É ainda nessa década que acontece o I Congresso Brasileiro de Arquivologia e são implantados os primeiros cursos de graduação da área (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade de Santa Maria, ambos em 1977). Segundo Silva et al (1999, p. 155),

Em termos globais, pode-se afirmar que os anos 70 foram uma época de aprofundamento de questões essenciais para a formulação de um corpo teórico susceptível de suportar uma fundamentação científica da Arquivística. Verifica-se ainda que os problemas gerados pela sociedade da informação imanente, com todas as implicações que a evolução tecnológica veio determinar, começam a ter a sua expressão também nos arquivos. Conseqüentemente, surgem novas formas de encarar a aproximação da Arquivística à área das ciências da informação, embora ainda não haja uma afirmação inequívoca e fundamentada desta postura, a qual irá desenvolver-se na década seguinte e ganhar maior expressão nos anos 90.

Por esses motivos, chamamos a atenção para a década de 1970, que num aspecto epistemológico mais amplo, foi marcada por ambições nacionalistas, como pontua Schwartzman: apesar da reforma da Educação Superior no Brasil de 1968, ela se afastou cada vez mais do ‘modelo único’ de pesquisa, ensino e extensão prescrito nessa reforma, nesse período (SCHWARTZMAN, 2001, p. 315). Além disso, houve um considerável crescimento da produção científica: “o Brasil ocupava em 1973 o 31º lugar no globo e o 4º no Terceiro Mundo. Em 1978, o Brasil já havia atingido o 2º lugar no Terceiro Mundo, após a Índia, e o 25º no âmbito mundial” (idem, p. 312).

É nessa década que também estão as origens da corrente interdisciplinar, como aponta Follari (1982), Francelin (2004) e Fazenda (1994)¹: é no início dos anos 70 que a interdisciplinaridade aparece na Europa, principalmente na França e na Itália, quando “se insurgem os movimentos estudantis, reivindicando um novo estatuto de universidade e de escola”. Como movimento, a interdisciplinaridade tinha, naquela época, a idéia de *totalidade* como categoria mobilizadora (FAZENDA, 1994, p. 18-19). Nesse cenário, é válido lembrar que esse movimento emerge no contexto da pós-modernidade, o qual é caracteristicamente marcado pelo pensamento complexo (Morin), sistêmico (Bertalanffy), plural, como preconiza Francelin (2004) e pela “hibridização da produção do conhecimento” (KLEIN, 2004 apud MACEDO, 2005).

A partir desse breve histórico, nos perguntamos: qual o estado de desenvolvimento da Arquivística como disciplina no Brasil? Como ela se consolidou no campo científico?

¹ Parece não haver consenso quanto à década em que a interdisciplinaridade ganha forma: enquanto os dois primeiros autores apontam a década de 1970, Ivani Fazenda afirma que o movimento interdisciplinar tem suas origens em meados da década de 1960.

Quais são as suas relações interdisciplinares nesse processo? Pensar esse processo requer uma ultrapassagem do seu contexto prático e uma busca de reflexões mais aprofundadas acerca de conceitos relacionados à filosofia da ciência como um todo.

Nesse sentido, este trabalho, que faz parte de um projeto de pesquisa maior, em andamento no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade de Brasília, sobre *A formação da Arquivística como disciplina no Brasil*, apresenta conceitos-chave de alguns autores – Hilton Japiassu (1976), Roberto Follari (1982), Edgar Morin (2005), Pierre Bourdieu (apud Ortiz, 1983), Olga Pombo, (1994) –, relacionados ao desenvolvimento de uma ciência/disciplina, a fim de demonstrar as possíveis relações interdisciplinares da Arquivística nesse seu processo de formação. É essencial ressaltar que esta é uma primeira sistematização de leituras que se configurarão como o eixo teórico da dissertação em desenvolvimento, a partir da qual ainda buscaremos tecer reflexões mais profundas.

2. A formação e os movimentos de uma disciplina: alguns conceitos sobre *ciência*

A trajetória de uma ciência, em outras palavras – sua evolução – como bem argumenta Thomas Kuhn (2005), passa por revoluções, ou seja, “episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior” (KUHN, 2005, p. 125). Mas, como alerta o autor, esse processo, apesar de aparentemente linear, é marcado por idas e voltas a um somatório de experiências, às vezes isoladas, que se vão compartilhando e se consolidando em comunidades científicas: “um conjunto de valores compartilhados entra em interação com as experiências particulares comuns a uma comunidade de especialistas, de tal modo que a maior parte do grupo acabe por considerar que um conjunto de argumentos é mais decisivo que outro” (idem, p. 248-249).

Ainda sobre o compartilhamento de experiências científicas, podemos recorrer a Ortiz, que traz à tona os conceitos de *habitus* e de *campo científico* propostos por Pierre Bourdieu. Segundo ele, o primeiro conceito se relaciona ao produto das relações sociais, que “tende a assegurar a reprodução dessas mesmas relações objetivas que o engendraram” (ORTIZ, 1983, p. 15) e o conceito de *campo* “se define como o *locus* onde se trava uma

luta concorrencial entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão” (idem, p. 19). Bourdieu assinala que

Existe assim, a cada momento, uma hierarquia social dos campos científicos – as disciplinas – que orienta fortemente as práticas e, particularmente, as “escolhas” de “vocação”. No interior de cada um deles há uma hierarquia social dos objetos e dos métodos de tratamento (BOURDIEU apud ORTIZ, 1983, p. 128).

Nessa linha de pensamento, uma disciplina científica define-se como

uma categoria organizadora dentro do conhecimento científico; ela institui a divisão e a especializa o do trabalho e responde   diversidade das áreas que as ciências abrangem. Embora inserida em um conjunto mais amplo, uma disciplina tende naturalmente   autonomia pela delimita o das fronteiras, da linguagem em que ela se constitui, das técnicas que   levada a elaborar e a utilizar e, eventualmente, pelas teorias que lhe são próprias (MORIN, 2005, 105).

Assim, uma disciplina ou a *disciplinaridade*, utilizando uma expressão de Japiassu (1976),   tida como uma “progressiva explora o científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo” (JAPIASSU, 1976, p. 61). Nessa abordagem, o conceito de disciplina pode ser utilizado como sin nimo daquele de ciência (idem), “ainda que inclua a no o de ‘ensinar uma ciência’”, como assinala Olga Pombo (1994). No entanto,

Há uma diferença entre a ciência como actividade de investiga o e a disciplina como actividade de ensino; no entanto, a ciência   ciência porque os resultados da investiga o são, necessariamente, comunicados publicamente. A comunica o (ou ensino)   uma parte substancial do processo de clarifica o do pensamento científico e, portanto, da ciência mesma (POMBO, 1994).

Portanto, os conceitos de disciplina científica e de disciplina curricular são distintos: a *disciplina científica*   “um ramo particular do conhecimento científico”² (2003, apud MACEDO, 2005, p. 45), enquanto a disciplina curricular integra a prática de ensino. A disciplinaridade, então,   contemplada como “A explora o científica especializada de um

² Defini o do *WordReference.com English Dictionary* (WORDREFERENCE.COM English Dictionary. Princeton University, 2003. Disponível em: <www.wordreference.com/>, acesso em 12 abr. 2006).

domínio determinado e homogêneo, exploração que consiste em produzir conhecimentos novos que vão substituir os antigos” (HECKHAUSEN apud POMBO, 1994). Nesse processo de “formulação e reformulação contínua do *actual* corpo de conhecimentos sobre o domínio em questão” (idem), uma disciplina visita outras áreas do conhecimento e, ao estabelecer diálogos, se apropria e, muitas vezes, ressignifica conceitos alheios. Os diferentes graus dessas apropriações e ressignificações podem ser traduzidos em modalidades de diálogos entre diferentes disciplinas, que comumente chamamos de *interdisciplinaridade*.

Este conceito é abordado por vários autores, de forma diversa, como podemos constatar no quadro que se segue:

Quadro 1: Definições de *interdisciplinaridade* propostos por diferentes autores

Autor	Conceito
Hilton Japiassu	“a interdisciplinaridade se caracteriza pela <i>intensidade das trocas</i> entre os especialistas e pelo <i>grau de integração real</i> das disciplinas, no interior de um projeto específico de pesquisa” (JAPIASSU, 1976, p. 74).
Edgar Morin	“a interdisciplinaridade pode significar, pura e simplesmente, que diferentes disciplinas são colocadas em volta de uma mesma mesa, como diferentes nações se posicionam na ONU, sem fazerem nada além de afirmar, cada qual, seus próprios direitos nacionais e suas próprias soberanias em relação às invasões do vizinho. Mas interdisciplinaridade pode significar também troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser alguma coisa orgânica” (MORIN, 2005, p. 115).
Roberto Follari	“la interrelación orgánica de los conceptos de diversas disciplinas hasta el punto de constituir una especie de “nueva unidad” que subsume en un nivel superior las aportaciones de cada una de las disciplinas particulares” (FOLLARI, 1982, p. 27).
Olga Pombo	“qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir da confluência de pontos de vista diferentes e tendo como objectivo final a elaboração de uma síntese relativamente ao objecto comum” (POMBO, LEVY e GUIMARÃES, 1994, p. 13).
Berger	“Interação existente entre duas ou mais disciplinas” (BERGER, 1972, apud POMBO, 1994).
Palmade	“Integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber” (PALMADE, 1979, apud POMBO, 1994).
Jantsch	“Princípio de organização que visa a coordenação dos temas, dos conceitos e das configurações disciplinares” (JANTSCH, 1972, apud POMBO, 1994).
Piaget	“Intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências. Esta cooperação tem como resultado um enriquecimento recíproco” (PIAGET, 1972, apud POMBO, 1994).
Marion	“Cooperação de várias disciplinas científicas no exame de um mesmo e único objecto” (MARION, 1978, apud POMBO, 1994).
Thom	“Transferência de problemática, conceitos e métodos de uma disciplina para outra” (THOM, 1990, apud POMBO, 1994).
Delattre	“Tentativa de elaboração de um formalismo suficientemente geral e preciso que permita exprimir na única linguagem dos conceitos, as preocupações e as contribuições de um número considerável de disciplinas que, de outro modo, permaneceriam acantonados nos seus dialectos respectivos” (DELATTRE, 1973, apud POMBO, 1994).
Resweber	“A interdisciplinaridade ultrapassa a pluridisciplinaridade porque vai mais longe na análise e confrontação das conclusões, porque procura a elaboração de uma síntese a nível de métodos, leis e aplicações, porque preconiza um regresso ao fundamento da disciplina, porque revela de que modo a identidade do objecto de estudo se complexifica através dos diferentes métodos das várias disciplinas e explicita a sua problematicidade e mútua relatividade” (RESWEBER, 1981, apud POMBO, 1994).

Fonte: elaboração própria, a partir das obras de Japiassu (1976), Morin (2005), Follari (1982), Pombo, Levy e Guimarães (1994).

Na verdade, embora a interdisciplinaridade se destaque, existem outros níveis de relações entre diferentes disciplinas. Jantsch, por exemplo, propõe os seguintes níveis (apud JAPIASSU, 1976, p. 73-74):

Quadro 2: Modalidades de relações entre disciplinas segundo Jantsch

Modalidade	Conceito
Multidisciplinaridade	Gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas.
Pluridisciplinaridade	Justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas.
Interdisciplinaridade	Axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade.
Transdisciplinaridade	Coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral.

Fonte: elaboração própria, a partir da obra de Japiassu (1976).

Pombo, Levy e Guimarães (1994, p. 11), em suas reflexões no âmbito do ensino/aprendizagem, partem de dois consensos propostos por estudiosos da área: 1) as *distinções triádicas*, que se referem às diferenças entre o conceito de interdisciplinaridade e os conceitos de pluridisciplinaridade e de transdisciplinaridade; 2) uma *posição intermediária* ou *intervalar*, que considera a interdisciplinaridade mais do que a pluridisciplinaridade e menos do que a transdisciplinaridade. Mas esses autores salientam que esses conceitos “enquanto conceitos caracterizadores de diversificadas práticas de ensino, devem ser entendidos como momentos de um mesmo **contínuo**: o processo contínuo de **integração disciplinar**” (idem).

Edgar Morin fala de um *olhar extradisciplinar*, de *invasões e migrações interdisciplinares*, de *objetos e projetos inter-poli-transdisciplinares*, de *esquemas cognitivos reorganizadores* a fim de tecer reflexões *para além das disciplinas*. Essas expressões e conceitos inserem-se no que ele chama de “espantosa variedade de circunstâncias que fazem progredir as ciências, quando rompem o isolamento entre as disciplinas” (MORIN, 2005).

3. A Arquivística como uma interdisciplina?

Não nos esquecendo do objetivo inicialmente proposto - demonstrar as possíveis relações interdisciplinares da Arquivística no seu processo de formação -, de todas essas definições e expressões, queremos enfatizar, neste trabalho, a definição de interdisciplinaridade.

Dentro dessa definição, alguns autores apontam modalidades de interações, como é o caso de Heckhausen (apud JAPIASSU, 1976, p. 79-81), que propõe os seguintes tipos de relações interdisciplinares: interdisciplinaridade heterogênea, pseudo-interdisciplinaridade, interdisciplinaridade auxiliar, interdisciplinaridade compósita e interdisciplinaridade unificadora. Dessas cinco modalidades, Japiassu sintetiza e defende duas: a *interdisciplinaridade linear* ou “*cruzada*” e a *interdisciplinaridade estrutural*. Para ele, a primeira diz respeito apenas a uma forma mais elaborada de pluridisciplinaridade, em que as disciplinas permutam informações, sem, contudo, haver reciprocidade. Nesse caso, “a cooperação propriamente metodológica é nula. As disciplinas que fornecem informações a uma outra, fazem-no a título de disciplinas ‘auxiliares’” (JAPIASSU, 1976, p. 81). Quanto à interdisciplinaridade estrutural, segundo ele, há uma “*combinação* das disciplinas, correspondendo ao estudo de novos campos de problemas, cuja solução exige a convergência de várias disciplinas, tendo em vista levar a efeito uma *ação informada* e eficaz” (idem).

A partir de reflexões críticas do conceito de interdisciplinaridade, outro autor que apresenta modalidades de interdisciplinaridade é Roberto Follari (1982). Para ele:

La interdisciplinariedad no es, pues, el hecho de que elementos de una disciplina sirvan como “ciencia auxiliar” de otra, por ejemplo la estadística a la sociología, intercambio conceptual que es muy anterior por cierto a la idea de interdisciplina. Tampoco el acercamiento que se da entre dos disciplinas muy cercanas entre sí, cuyos límites formales no pueden ser absolutos (ej., físico-química, bio-física) (FOLLARI, 1982, p. 27).

As duas modalidades de interdisciplinaridade propostas pelo autor são: 1) o encontro de um novo objeto teórico originado “no meio” de duas disciplinas prévias e 2) a aplicação tecnológica, tendo em vista a resolução de problemas empíricos complexos. Segundo ele, a primeira modalidade se relaciona aos “casos em que la interdisciplina, como

fundación de un campo nuevo que reúne aspectos de disciplinas no ligadas previamente, muestra su fecundidad y sus posibilidades, en el sentido de abarcar espacios que disciplinas individuales no ocupan” (idem, p. 70). Já a interdisciplinaridade como solução de problemas práticos “se trata de resolver las urgencias que el capitalismo enfrenta, de la manera más eficaz. En este sentido la idea de reunir disciplinas si puede ofrecer, y ofrece, posibilidades” (ibidem, p. 72).

A partir dos conceitos apresentados sobre as relações que podem existir entre duas ou mais disciplinas, questionamos: quais seriam as fronteiras que a Arquivística estabelece com outras áreas? Podemos considerar a Arquivística uma interdisciplina?

Para compreendermos os possíveis movimentos da área, temos de partir do campo disciplinar, ou seja, do conceito que distingue a Arquivística das demais disciplinas. Para isso, temos de nos reportar a Yovits (1969, apud MACEDO, 2005, p. 45), que enumera os requisitos e as condições para que um campo se torne científico:

a existência de um corpo de conhecimentos distinguível, que se forma quando um grupo de pessoas com interesses comuns trabalham em problemas de natureza similar (comunidade científica); e o estabelecimento de conceitos gerais e princípios conhecidos ou de existência aceita que definam os limites da ciência e sirvam de base para as suas diferentes aplicações.

Considerando, então, as características marcantes do pensamento científico da pós-modernidade, momento histórico em que a interdisciplinaridade ganha forma (FRANCELIN, 2004), optamos pela definição de Silva et al (1999, p. 214), que consideram a Arquivística “uma ciência de informação social, que estuda os arquivos (sistemas de informação (semi)-fechados, quer na sua estruturação interna e na sua dinâmica própria, quer na interação com os outros sistemas correlativos que coexistem no contexto envolvente)”.

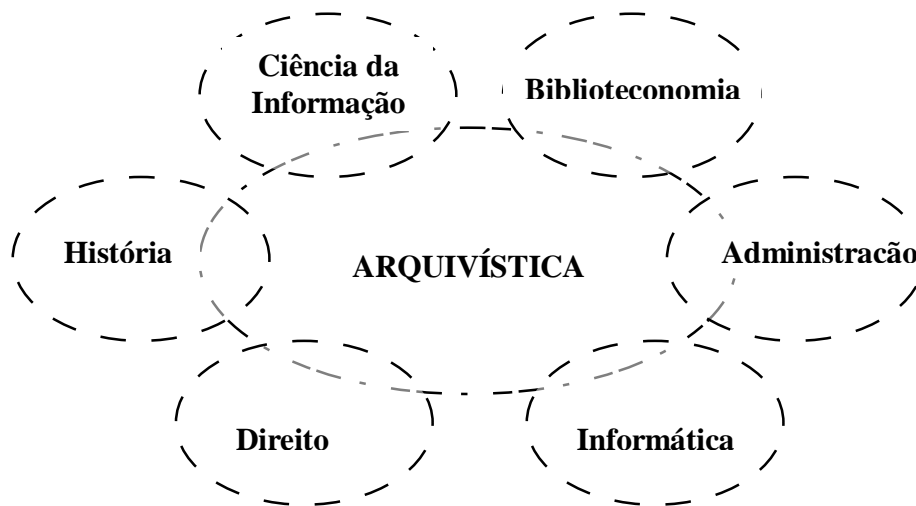
A partir dessa definição, recorreremos a Heckhausen, que também propõe alguns critérios que podem ser utilizados para caracterizar uma disciplina científica (apud JAPIASSU, 1976, p. 60-61), para tentarmos ilustrar a identidade da Arquivística como uma disciplina científica. Assim, poderíamos considerar:

- a informação orgânica registrada como o *domínio material* da Arquivística;

- as informações produzidas, recebidas e acumuladas por instituições – públicas ou privadas
- e/ou por pessoas naturais (incluindo as famílias), mais precisamente os acervos documentais, como seu *domínio de estudo*;
- o Princípio da Proveniência como o conceito fundamental e unificador da disciplina, no *nível de integração teórica*;
- a conjugação das características dos documentos de arquivo – imparcialidade, autenticidade, naturalidade, inter-relacionamento e unicidade (DURANTI, 1994) – com as funções arquivísticas - produção, avaliação, aquisição/recolhimento, classificação, descrição, conservação/preservação, difusão/acesso – (COUTURE, 2003; RODRIGUES, 2003), como a configuração de *métodos* próprios da disciplina que demonstrariam a *concordância entre a aplicação dos métodos e as leis gerais do nível de integração teórica*;
- o código de classificação, a tabela de temporalidade e os instrumentos de pesquisa, como exemplos de *instrumentos de análise*;
- e, por fim, quanto às contingências históricas da Arquivística, podemos nos apoiar na obra de Silva et al (1999), que traça a trajetória da área, do início da prática da escrita aos dias atuais: até o séc. XIII, os arquivos serviam aos interesses da História; no séc. XIV, serviam aos interesses da Administração; no séc. XV, predominou uma ótica instrumental dos arquivos; nos séc. XVII e XVIII, intensificou-se a procura dos arquivos em função do valor secundário dos documentos; no séc. XX, mais precisamente na época da 2ª Guerra Mundial, a Arquivística passou a ser concebida como descritiva, quando entrou em crise de “identidade” com a História, passando a predominar uma vertente tecnicista ao longo do século. Segundo esses autores, agora, no séc. XXI, iniciam-se as “novas preocupações” (SILVA et al, 1999, p. 192).

Com base nessas considerações disciplinares, começemos a ilustrar as relações da Arquivística com outras disciplinas. Para isso, mais uma vez, recorremos a Japiassu, que propõe o entendimento da proposta interdisciplinar sob dois níveis: 1) o nível da *demarché pluridisciplinar*, relativo ao estudo de um objeto sob seus diferentes ângulos, mas sem ter havido, necessariamente, um acordo prévio quanto aos conceitos ou aos seus métodos; e 2) o nível da *pesquisa interdisciplinar* propriamente dita, que sugere uma integração das disciplinas segundo seus conceitos (*contatos interdisciplinares*) e seus métodos – *pesquisa interdisciplinar propriamente dita* (JAPIASSU, 1976, p. 120-121).

Num primeiro momento, no nível da *démarche pluridisciplinar*, poderíamos considerar, por exemplo, as relações da Arquivística com a História, a Biblioteconomia, a Informática, a Administração e o Direito:



É importante salientar que as colaborações entre a Arquivística e cada uma dessas disciplinas mudam, conforme a natureza e os graus das relações estabelecidos e nem todos os casos de intercâmbio podem ser considerados como interdisciplinares.

Ilustrativamente, poderíamos pensar como intercâmbios recíprocos:

- entre a **Arquivística** e a **Administração**: se considerarmos o ciclo de vida dos documentos de arquivo, no momento da produção documental já são levados em conta princípios da Administração, uma vez que, na maioria das vezes, esses documentos nascem para cumprir ações rotineiras relacionadas à missão de uma instituição. Em contrapartida, os princípios arquivísticos são norteadores para a preservação de documentos, os quais, por sua vez, são reflexos da trajetória de uma instituição e, portanto, estão intrinsecamente ligados aos princípios da Administração;
- entre a **Arquivística** e a **História**: tendo em vista o valor histórico que alguns documentos alcançam, temos de reconhecer o papel da História na avaliação dos acervos arquivísticos. Por outro lado, sabemos da importância dos documentos arquivísticos como subsídios ao trabalho do historiador, ou seja, o papel de testemunhos históricos que esses documentos muitas vezes apresentam;
- entre a **Arquivística** e o **Direito**: ainda no âmbito da avaliação, devemos nos lembrar que o Direito contribui decisivamente na delimitação dos prazos de guarda e na definição da destinação final dos documentos, os quais, por sua vez, são provas que auxiliam o exercício do Direito;

- entre a **Arquivística** e a **Informática**: no âmbito da difusão e do acesso aos conjuntos documentais preservados, a Informática contribui com ferramentas de disponibilização de dados, digitalização etc. A contribuição da Arquivística para esta área poderia ser ilustrada com o estudo arquivístico das características dos suportes eletrônicos, tendo em vista sua gestão;

- entre a **Arquivística** e a **Biblioteconomia**: enquanto esta área contribui com técnicas para recuperação de informações, como a classificação, a indexação e a catalogação, as técnicas de descrição arquivísticas também contribuem no trabalho de registro e de recuperação de itens documentais nas bibliotecas.

Além dessas disciplinas, são conhecidas as relações da Arquivística com a Ciência da Informação. Anna Carla Mariz (2004) recorre a alguns autores para discorrer sobre as relações interdisciplinares entre ambas. Para Jardim e Fonseca (1995 apud MARIZ, 2004, p. 30), essas relações não são claras e dão-se em níveis pluridisciplinares. Guimarães e Silva (1996 apud MARIZ, 2004, p. 30-31) não considera a existência de pontos de interconexão entre as duas áreas. Mariz defende o enfoque sistêmico como um ponto de convergência entre essas áreas, alegando que “Os sistemas de informação são contemplados tanto pela Arquivística – para documentos que possuam relação orgânica – quanto pela CI – para informações de uma forma geral” (MARIZ, 2004, p. 35).

Num segundo momento, no nível da *pesquisa interdisciplinar propriamente dita*, já tivemos oportunidades de visualizar as relações entre as Arquivística e a Biblioteconomia, quando foram mapeados projetos de iniciação científica de Biblioteconomia, com temáticas arquivísticas (RODRIGUES e MARQUES, 2005a); as relações entre a Arquivística e a Ciência da Informação (RODRIGUES e MARQUES, 2005b) e suas relações com essa e com outras áreas – História, Administração, Comunicação, Direito, Arquitetura – (RODRIGUES e MARQUES, 2005c), pela identificação de dissertações e teses desenvolvidas, nos programas de pós-graduação do Brasil, também com temáticas voltadas para a Arquivística.

Considerações finais

Para considerar a interdisciplinaridade no processo de formação da Arquivística como disciplina, é essencial lembrar o significado dessa palavra: “O prefixo ‘inter’ não

indica apenas uma pluralidade, uma justaposição; evoca também um espaço comum, um factor de coesão entre saberes diferentes” (GUSDORF apud POMBO, 1994).

A caracterização da Arquivística como uma interdisciplina pode ser plausível ou não, dependendo da definição de *interdisciplinaridade* que se adote e das modalidades interdisciplinares consideradas.

Alguns estudiosos definem a interdisciplinaridade de uma forma ampla, sem apontar condições específicas para a sua existência, como é o caso de Morin, Pombo, Berger, Jantsch, Piaget, Marion, Thom, Delattre e Resweber. Outros, já apontam algumas características como definidoras da interdisciplinaridade: Japiassu, por exemplo, indica como condicionantes a “intensidade das trocas” e o “grau de integração real” de duas ou mais disciplinas no âmbito da pesquisa; Follari se refere à necessidade de constituição de uma nova disciplina; e Palmade fala de uma “axiomática nova e comum” (ver quadro 1).

Assim, em termos gerais, como já ilustramos, podemos considerar as relações da Arquivística com a História, Biblioteconomia, Administração, Direito, Informática e Ciência da Informação como interdisciplinares, destacando que, embora em níveis diferentes, pode existir uma interação recíproca entre a Arquivística e cada uma delas.

Em termos específicos, também constatamos a existência dessas relações no âmbito da pesquisa, mas não verificamos a constituição de uma nova disciplina a partir da interação da Arquivística com nenhuma outra. Portanto, para Follari, a Arquivística não poderia ser considerada uma interdisciplina.

De toda forma, no extracampo epistemológico poderíamos também considerar os vínculos institucionais da Arquivística na universidade e a formação do quadro docente dos cursos de graduação em Arquivologia, como aspectos que reforçariam o caráter interdisciplinar da área e influenciariam na sua produção científica. No entanto, pelo pouco espaço deste trabalho, essas reflexões se desdobrarão na dissertação, em andamento, que nos referimos.

Por fim, gostaríamos de deixar como questão para reflexão a possibilidade de concepção da Arquivística como uma área do conhecimento ligada à grande área *Ciências Socialmente Aplicáveis*³: essa alteração na classificação das áreas do conhecimento daria um novo rumo à configuração da Arquivística como disciplina no Brasil?

³ Conforme versão preliminar de proposta para discussão da Nova Tabela das Áreas do Conhecimento do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, disponível em: <http://www.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm>. Acesso em 16 abr/2006.

Referências bibliográficas

CASTRO, A. M. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA, I. Associação dos Arquivistas Brasileiros. 1972, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Brasília, 1979.

COUTURE, Carol (Org.). **Les fonctions de l'Archivistique contemporaine**. Québec, Canadá: Presses Universitaires du Québec, 2003.

DURANTI, Luciana. Registros documentais contemporâneos como prova de ação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 49-64, jan./jun. 1994.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papirus, 1994.

FOLLARI, Roberto. **Interdisciplinariedad: los avatares de la ideologia**. Cidade do México: Casa abierta ao tiempo, 1982.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Configuração epistemológica da ciência da informação no Brasil em uma perspectiva pós-moderna: análise de periódicos da área. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 2, p. 49-66, maio/ago. 2004.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MARIZ, Anna Carla Almeida. Relações interdisciplinares entre a Arquivística e a Ciência da Informação. **Cenário Arquivístico**, v. 3, n. 1, p. 29-36, jan./jun. 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

POMBO, Olga. Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade. In: POMBO, Olga; LEVY, Teresa; GUIMARÃES, Henrique. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. Lisboa: ed. Texto, 1993, p. 8-14. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/vocabulario-interd.pdf>>. Acesso em: 10 abr/2006.

_____ ; LEVY, Teresa; GUIMARÃES, Henrique. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In: _____. **A interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. Lisboa: ed. Texto, 1993, p. 8-14. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/mathesis/interdisciplinaridade.pdf>>. Acesso em: 10 abr/2006.

RODRIGUES, Georgete Medleg; MARQUES, Angelica A. C. A iniciação à pesquisa em Arquivística: mapeamento e análise dos projetos de Iniciação Científica dos Cursos de Arquivologia e Biblioteconomia no Brasil. In: VI Congresso de Arquivologia do Mercosul, 2005, Campos do Jordão - SP. **Anais...** São Paulo: CEDIC/PUC-SP 2005a.

_____. Questões sobre o Locus Acadêmico-Institucional da Arquivologia na Ciência da Informação. In: VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2005, Florianópolis - SC. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005b.

_____. A inserção da Arquivística nos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil. **Revista Brasileira de Pós Graduação, Brasília**, v. 2, n. 3, p. 75-92, 2005c.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, Centro de Estudos Estratégicos, 2001.

SILVA, Armando Malheiro da (et al). **Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação**. Edições Afrontamento, Porto, 1999.